

LEMBRANÇAS DE UM COLÉGIO: três vidas, diferentes vivências (décadas de 1930 e 1940)¹

Paula Leonardi

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o processo de escolarização de três mulheres em um colégio confessional católico nas décadas de 30 e 40 em Rio Claro, interior do Estado de São Paulo. Procuo enfatizar as relações travadas entre estas mulheres e o Colégio Puríssimo Coração de Maria de acordo com suas origens sociais diferenciadas. Esta análise está inserida em uma discussão mais ampla a respeito das relações entre Igreja Católica e Estado e na construção, compartilhada por ambos os poderes, de uma ideia de professora e de uma ideia de escola de qualidade, imagem que se construía e se mostrava, em última instância, num *habitus* de classe que demonstrava o sucesso da escola e de seus professores.

Palavras-chave: escola-história; memória; ensino normal; educação feminina.

Introdução

Difundidas como espaços culturais privilegiados, foi no início da década de 30, com a organização do sistema nacional de educação, que as escolas foram projetadas com maior força para fora de seus muros, expondo-se publicamente. Na cidade de Rio Claro, região de grandes fazendas produtoras de café, o *status* dado às escolas pela população não foi diferente. A cidade viveu, no início da República, um período de grandes investimentos culturais. Era preciso modernizá-la política, econômica e culturalmente. Assim, os emblemas da cidade moderna eram estampados no centro de Rio Claro, sendo um deles o Colégio bem sucedido, um dos símbolos do progresso da cidade. A escolha do período, décadas de 30 e 40,

¹ Este texto foi apresentado originalmente na 28ª Reunião Anual da Anped, 2005, quando construía a dissertação de mestrado **Puríssimo Coração: uma escola de elite e sua imagem**. A versão aqui publicada foi ampliada e acrescida de trechos das entrevistas e de novas considerações.

refere-se a momento significativo na história do país marcado pela Revolução de 30 e o ideário construído em torno do governo de Getúlio Vargas.

Apresento aqui o resultado de três entrevistas.² Assim como sugere Francine Muel-Dreyfus (1996), procurei nas entrevistas, as repetições, as ênfases em determinadas situações, cercadas ou não de enunciados e prescrições, que produzem a identidade cultural e simbólica, imagens da feminilidade construídas em uma escola tratada, por muito tempo, como feminina.³ Procurei, ainda, estar atenta à retórica, ao vocabulário, às cadências, às imagens, às metáforas, às emoções. Sem descuidar da singularidade de cada depoimento, o texto apresenta o significado da passagem pelo Colégio *Puríssimo* para essas mulheres, mas, também, o que aparece em comum em suas falas sobre a construção da ideia do feminino entremeada às relações de poder entre Igreja, Estado e classe dirigente em Rio Claro.

Cada uma das três mulheres postas em evidência neste trabalho passaram diferentes etapas de suas vidas no Colégio Puríssimo Coração de Maria. Assim, busco singularidades, emoções e contradições daqueles que fizeram parte do *Puríssimo*, tentando rememorá-lo.

1 Família e escola unidas

Dolores Gimenez ingressou no Colégio em 1948, no primeiro ano ginásial. Seu depoimento traz uma visão a respeito de quem era a elite do *Puríssimo* e como essa elite via a si mesma e a escola.

Eu fiz o primário no Ginásio Koelle e... era uma escola muito boa. Mas eles priorizavam muito a parte de esporte... natação, basquete, enfim, jogos. E eu nunca tive muita habilidade física pra esse assunto. Eu sempre voltava da piscina resfriada, voltava ralada da quadra, essas coisas. Então minha mãe pensou: "Vou colocá-la no Puríssimo", que era o ideal dela. Como ela não estudou, o ideal dela era que a filha aprendesse... bordado, piano, pintura, embora no Koelle eu já tivesse aprendido piano também. Mas, enfim, naquela ocasião, começo de 50, era a diferença entre uma escola e outra. Para a menina era vista assim na sociedade (pelo menos na sociedade da qual a gente compartilhava, minha mãe com as amigas etc.).

Para ela, vivia-se Paris naquela época. Os padrões de comportamento europeus, especialmente o francês, estavam em voga no Brasil. O Colégio já havia iniciado, há algumas décadas, precisamente desde a fundação do curso Normal em 1928, um processo de exposição

² Além das entrevistas, outras fontes utilizadas nesta pesquisa foram: livros de crônica da comunidade de freiras da Congregação do Imaculado Coração de Maria, notícias de jornais e fotos do arquivo da escola e de arquivos pessoais das entrevistadas.

³ Os livros de matrícula do Colégio revelam a presença de meninos desde sua fundação. No entanto, aqueles que se referem ao passado do Colégio o fazem como se fosse uma escola feminina, ou ainda, como se estivesse congelada na memória a imagem do que foi o *Puríssimo* no final da década de 30 e início de 40, período no qual o Colégio não recebia meninos em seus quadros de alunos.

pública e difusão de sua imagem com as conferências, desfiles e procissões. O relato de Dolores é carregado de emoções e do *glamour* que envolvia essas atividades. Ela sentia-se pertencente ao Colégio. Conhecia seus cantos e corredores e, por isso, suas lembranças têm refúgios. Assim como a casa natal, o *Puríssimo* estava fisicamente inscrito em seu corpo, transformado em hábitos orgânicos (BACHELARD, 1984).

Procissão de Corpus Christi era uma comemoração! Uniforme de gala, que era a blusa de seda com as preguinhas na frente, a meia comprida de seda. (...) Agora, à parte, eram as conferências! Hoje ditas palestras. A conferência era outra festa. A gente viveu Paris nesta época. Estudar no Puríssimo! E o pessoal que vinha fazer conferências: Silveira Sampaio, Silveira Bueno, tudo quanto fosse autor, esse tal desse Plínio (Salgado) também vinha (risos). Ulisses Guimarães vinha, era assim uma enormidade. Padre Charboneau! Eram personalidades que vinham falar e o local escolhido era o Puríssimo. Porque, afinal, havia coisa mais séria? Mas assim, séria no sentido de apresentar uma festa bonita? Porque as freiras sabem organizar uma festa bonita.

Dolores ingressou no *Puríssimo* em 1948 no primeiro ano. É a primeira filha de três meninas, cujos pais, imigrantes espanhóis, se conheceram no Brasil, herdaram e ajudaram a aumentar o patrimônio de seus avós. Apenas dois anos após sua chegada ao país, ambas as famílias compraram terras. Esse sucesso ela atribui, em parte, à instrução via leitura de jornais e ao dinamismo das famílias. Residindo as duas famílias em Corumbataí, São Paulo, seus pais se conheceram dentro do círculo restrito de amigos dos imigrantes *bem sucedidos*. Do cultivo de batatas, a primeira atividade lucrativa da família, resultou uma grande frota de caminhões e uma empresa de transportes.

A Primeira República foi o período em que se ampliou a participação política dos *coronéis* filhos de imigrantes (BILAC, 2001). O pai de Dolores, diretor de clube da cidade, possivelmente deve ter tido alguma influência política. Dolores não menciona tendências políticas de sua família, mas os indícios de seu forte poder econômico e a presença de seu pai nos clubes da cidade abrem espaço para algumas considerações em torno do poder político do período.

A história oficial de Rio Claro descreve a cidade como uma tela onde as figuras do *pater famílias*,⁴ do fazendeiro, do coronel e do pioneiro desbravador, tornadas uma só por meio das virtudes que se acredita que compartilhavam, desenharam os símbolos de seu poder

⁴ Holanda (1984) explica que, ao tornar-se a cidade o centro das atividades sociais, os indivíduos para lá foram transportados carregando consigo uma herança rural: o espírito de facção, a organização da família como uma pequena república onde o *pater-famílias* baseava sua administração no direito canônico romano e, em decorrência desses fatores, o espaço público era invadido pelo privado. Para preservar e estender sua administração, os fazendeiros criavam em torno de si uma imagem de benfeitores que proviam as necessidades da cidade. A Sociedade do Bem Comum, por exemplo, tornou-se responsável por ações relacionadas à venda de terras doadas para o patrimônio da capela da cidade, *o que sem dúvida permitiu aos fazendeiros tomar decisões que visavam garantir a divisão e a posse do espaço reservado para a construção da futura cidade* (BAPTISTA, 1994, p.32).

desde as primeiras povoações. É importante notar que o fenômeno do *imigrante coronel* não se verifica, segundo Bilac, em outras cidades do interior paulista. A elite cafeeira, em 1930, já havia visto ruir seu império e sua cidade de representações sentia os efeitos das constantes instabilidades financeiras. Alguns casarões foram abandonados, outros vendidos, imponentes teatros de diversas cidades foram demolidos e davam origem a novos prédios. O cenário se modificava. Era preciso reestruturá-lo, mais uma vez, dentro dos padrões da modernidade. O mesmo dilema do início da República se apresentava novamente diante dos grandes proprietários: a necessidade de inovar, para não perder espaços econômicos e políticos, mas mantendo uma moral conservadora.

A *nova elite* que se constituiu na cidade, após a década de 30, e que assumiria os cargos públicos era formada, em grande parte, por profissionais liberais e filhos de imigrantes. No entanto, Bilac esclarece que essas pessoas eram ligadas aos antigos coronéis, fosse por parentesco ou por laços de amizade, e exerciam a função de modernizar economicamente a cidade e trazer o coronel para o presente. Nesse espetáculo da *modernização conservadora* (BILAC, 2001) apresentavam-se alguns aspectos da educação com um invólucro progressista àqueles aos quais tais aspectos se aplicariam. É assim que Dolores vê, por exemplo, a disciplina Economia Doméstica como um grande avanço na educação da mulher. Para ela, esta disciplina não está ligada a uma ideologia da volta da mulher para o lar, pregada pelo Estado Novo e ainda em voga quando ela fez o Curso Normal, mas revela-se um grande instrumento a ser utilizado na abertura do mercado de trabalho para a mulher: conhecendo melhor como cuidar da casa, a mulher poderia conciliar seu trabalho fora e dentro do lar.

É preciso olhar para a narrativa de Dolores procurando compreender o deslocamento das alunas e das famílias entre o *Puríssimo* e a cidade. O *glamour* a que se refere Dolores estendia-se por toda a sua vida, dentro e fora da escola. As imagens do Colégio transitavam em bailes e festas familiares, levadas pelas alunas. A grande conformidade entre o que a escola oferecia e o que as famílias esperavam perpassa toda sua narrativa. Ela transitava entre o espaço *sagrado* da escola e o *profano* do mundo exterior ao Colégio. No entanto, notamos em sua narrativa um entrelaçamento dos dois espaços. O comportamento de boa menina, educada e moralmente correta estendia-se para todos os outros espaços de sua vida. Dolores estava absorvida pelo romantismo de sua época e vivia na sociedade feliz desenvolvida nas mensagens de propaganda do Estado Novo. Como eram absorvidos em sua vida os acontecimentos de sua época, através da escola e da família?

Quando lhe pedi que falasse do *Puríssimo*, imediatamente surgiram boas recordações que se estendiam para toda a sua vida. Dolores sentia-se pertencente ao Colégio. Conhecia

seus cantos e corredores e, por isso, suas lembranças têm refúgios. Assim como a casa natal, o *Puríssimo* estava fisicamente inscrito em seu corpo, transformado em hábitos orgânicos (BACHELARD, 1984). Emocionalmente estava ligada à escola e isso aparece especialmente quando se refere à capela. Suas amigas e as outras famílias frequentavam os mesmos espaços, tinham uma concepção de educação comum. As férias na fazenda do avô, as obrigações escolares e a convivência com a família e os amigos não são invadidas por qualquer acontecimento político ou econômico. *O imaginário da unidade mascara as divisões e conflitos existentes na sociedade* (CAPELATO, 1998, p. 57). Era este o imaginário que se vivia, ainda em 50. O Estado enfatizava, através da propaganda política, a busca da harmonia social e a construção de uma sociedade fraterna, criando a imagem de uma *sociedade em festa* (CAPELATO, 1998, p. 58).

O ideal de escola para a mãe de Dolores era o *Puríssimo*. Lá ela teria uma educação feminina que o Colégio *Koelle*⁵ não lhe proporcionava. Onde residia a diferença, se o *Koelle* também era um colégio para a elite e muito prestigiado? Ela aponta a ênfase em atividades esportivas no *Koelle* como um dos problemas. O *Puríssimo* também oferecia mais cursos de trabalhos manuais e acredito que a grande diferença estava em *quem* educava e quais exemplos se ofereciam: freiras castas, puras, ou alemães, luteranos, carregados de todo o imaginário de rudeza direcionado a esse povo. A delicadeza da mulher aparece como algo fundamental para Dolores e sua mãe.

Dolores ingressa no *Puríssimo* em um período onde os meninos não eram admitidos, ou seja, a partir de 1948,⁶ o que perdurou até a década de 70. Esse aspecto provavelmente foi muito valorizado por sua mãe e, Dolores ressalta, pelo círculo social ao qual pertencia. Para ela, o *Puríssimo* cumpriu seu papel educando as moças dentro de um ideal de feminilidade e proporcionando-lhes o acesso a uma profissão aceitável para a mulher: ser professora. As *moçoilas* precisavam passar por essa escola para aprender essa parte *bem feminina*. E ser professora era aceitável, já que ia ao encontro dos ideais em voga, que viam essa profissão como uma extensão das atividades femininas consideradas biológicas e naturais: ser mãe e educadora. Convinha ao Estado Novo a difusão desses ideais, já que a necessidade de mais professores se colocava. Mas o termo **profissão** não se adequava bem ao período, já que se supunha que ser educadora era uma vocação inata da mulher.

Em suas lembranças também se coloca em evidência uma transformação no *status* da aluna do *Puríssimo* frente às escolas públicas, que ganhavam destaque e prestígio cada vez

⁵ Para a história do referido colégio alemão, ver NOBRE (1988).

⁶ Fonte: Livros de matrículas do Ginásio e Normal.

maiores. Descortinam-se novas possibilidades de formação profissional para mulheres de famílias elitizadas. Os Grupos Escolares, especialmente o *Joaquim Ribeiro*, gozavam de grande prestígio e, no mercado matrimonial, a menina do *Puríssimo* estava em desvantagem em relação ao capital cultural (BOURDIEU, 1999) voltado para conhecimentos gerais, adquirido pelas alunas do *Ribeiro*. Dolores afirma que a diferença de *status* entre as meninas de um e outro estabelecimento existia, era real. Mas a civilidade e a cidadania que estavam presentes na formação recebida no *Puríssimo* são, em suas palavras, *inigualáveis*.

A irmã de Dolores optou pelo Curso Científico, ao invés do Normal, a fim de ingressar em uma universidade. Dolores também passou pela universidade, mas deixa transparecer, em sua narrativa, certo desdém da irmã pelo Curso Normal. No âmago desta diferenciação está a questão do papel da mulher na sociedade e a conciliação da profissionalização com as atividades domésticas tomadas, sem qualquer questionamento, como obrigação da mulher.

Por estar impregnada pelo meio social em que vive, por suas ideias e *habitus*, Dolores encanta-se com os padrões estéticos transmitidos pela escola e pela disciplina Economia Doméstica: a forma de arrumar a casa, como decorar o quarto, que objetos devem estar presentes em cada cômodo. As prescrições da disciplina calaram profundamente em Dolores. Nela incorporou-se o capital cultural transmitido pelo Colégio durante as aulas de boas maneiras: *até hoje isso é muito claro na minha cabeça*, ela diz. Mas tal acúmulo de capital, ouso dizer, aparece como uma imagem no meio que ela frequentava (DEBORD, 1997).

As contradições inerentes a esta *sociedade do espetáculo* surgem em meio à pureza e ordem dos ambientes que se misturam, casa/escola.

Outra coisa muito interessante era quanto à etiqueta, bons modos, cortesia etc., é como uma senhorita se senta (mostra na cadeira). (...) Bom, e para tudo isso, nós tínhamos uma professora, ela era freira e professora. Chamava-se Irmã Léia. Ela nos ensinava a desfilar na passarela. (...) E nós fazíamos desfiles de modas com os tecidos que angariávamos dos comerciantes da cidade e aí cada uma confeccionava sua roupa. O salão nobre, onde era o desfile, ficava repleto de mocinhos e famílias. A renda era pra nossa formatura.

Educar adequadamente a mulher significava muito mais no *Puríssimo* e isso aparece em temas aparentemente opostos, mas que se fundiam nessa escola. Bordado, costura, piano, pintura, etiqueta, boas maneiras estavam direcionados para o polimento cultural e, em seguida, todas essas técnicas se uniam para a demonstração na passarela. O sagrado aprendizado da moça unia-se à sensualidade profana dos desfiles promovidos na escola.

A cisão entre imagem e realidade está consumada na narrativa, mas não é percebida, nem evidente. Ela mostra-se pelo viver no mundo ilusório do espetáculo, que abriga em si o *paraíso ilusório* (DEBORD, 1997). Tanto em um ambiente quanto em outro as informações

carregavam os mesmos valores, os mesmos padrões. Para ela, a passagem pelo *Puríssimo* foi memorável, deliciosa, sem contradições. *A realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real* (DEBORD, 1997, p. 15). Essa alienação, para Debord, é a base da sociedade existente. *É a representação diplomática da sociedade hierárquica diante de si mesma, na qual toda outra fala é banida. No caso, o mais moderno também é o mais arcaico* (DEBORD, 1997, p. 20). As relações sociais, nessa sociedade, são mediadas por essas imagens.

Para Dolores, o *Puríssimo* estava *anos à frente*, era pioneiro ao inserir economia doméstica em seu currículo, observando que a mulher teria que dominar dois espaços: o do lar e o do trabalho fora de casa. Aqui também a história deixa entrever a história oficial da cidade, onde a imagem do pioneiro é marca registrada. Aí está o *glamour* do *Puríssimo* : ser (ou parecer?) inovador sem perder a classe.

2 A importância do diploma

Therezinha Sitolin ingressou no primário do Colégio *Puríssimo* em 1938. Concluiu o Ginásio e, em seguida, começou a trabalhar. Anos depois, retomou seus estudos em uma escola pública da cidade, o Grupo Escolar *Joaquim Ribeiro*, cursando o Normal. Nunca exerceu a profissão de professora, tão cara para ela e para sua mãe. Os motivos que a levaram a seguir esse percurso giram em torno do tema principal de sua narrativa: a família. Dela tudo se origina e para ela tudo converge. A mãe é a grande figura que se destaca em sua história. Therezinha faz a apresentação de sua família e de seu contato com o *Puríssimo* ao sabor das recordações que lhe afloram, sem preocupar-se com qualquer ordenação. Recordações onde o sofrimento se faz presente, acompanhado de amargura, de muita esperança e força para seguir em frente.

Neta de imigrantes, de uma família numerosa (sete filhos), Therezinha foi predestinada por sua mãe a tornar-se professora. Seus pais sempre trabalharam na lavoura. Quando se mudaram para a cidade, a esperança de progresso os levou a árduos esforços. O pai era carvoeiro e a mãe realizava trabalhos de costura para as freiras da Santa Casa. Os filhos trabalhavam para ajudar nas despesas da casa, mas, ao mesmo tempo, a mãe esperava que a educação oferecesse melhores condições de vida para eles. Assim, todos foram matriculados no *Puríssimo*, mas somente ela prosseguiu.

Na história que Therezinha nos conta, há uma tensão constante entre sentir-se privilegiada, ocupando uma posição distinta da maioria, e sentir-se discriminada, ocupando uma posição inferior. Há um sentimento de diferenciação entre os avós italianos (que para ela

eram mais espertos) e os brasileiros. Tal sentimento também se revela em relação aos primos que moravam em um bairro afastado do centro e não frequentaram colégio de freira ou padre (com exceção de um deles). A diferenciação também está presente em relação a ela e as meninas que estudavam no Grupo Escolar *Joaquim Sales*. Se na primeira personagem apresentada seu discurso circula entre iguais, aqui a diferença é marca constitutiva.

Mas há, também, o enorme esforço para se equiparar às meninas da classe, lendo bem e tirando boas notas para suprir uma diferença que não residia nesses aspectos, mas, sim, em sua origem social e em sua condição de ingresso e permanência no Colégio. Poucas vezes, porém, esse Colégio é denominado. Therezinha refere-se ao *Puríssimo*, substituindo seu nome por outras expressões. A distância que mantém com relação a ele revela-se em toda sua narrativa. Ela não conhece seus cantos, parece que nunca adentrou por suas portas. Ela não fez parte dele, embora acreditasse que sua passagem por ali poderia modificar seu destino social.

A crença na educação como instrumento de ascensão vinha de sua mãe, a matrona italiana que dirigia toda a família. Josephina, na medida de suas forças, direcionava o destino dos membros da família: havia predestinado Neno (seu quarto filho) para ser padre e Therezinha para ser professora. Cida deveria ajudar na casa. Maria era operária em uma empresa têxtil. Júlia foi por ela matriculada no curso de corte e costura. Paulo e Celeste também foram trabalhar cedo, para ajudar nas despesas da casa. Muitas vezes, os cargos eram conseguidos pela própria mãe.

Minha mãe comprava o "Estadão" (jornal) com o dinheirinho que vendia carvão. "Veja o que está falando do Hitler, do Mussolini, olha!" Porque, perseguindo o Mussolini, perseguia eles aqui. Porque a minha mãe teve que ir pra São Paulo operar a tireóide da Cida. Pra minha mãe subir no trem, ela teve que tirar os documentos na delegacia de polícia que chamava "salvo conduto". Era um documentinho azul. Então a minha mãe mandava a gente ler muito. Eu deitava no chão, eu lia. Eu ficava lendo pra ela e ela costurando.

A história de sua família é afetada por todos os acontecimentos mundiais daquele período. A guerra, a situação política e econômica entrelaçam-se aos casamentos, formaturas, à comida restrita e à sua gravidez. Ela estava inserida muito mais nesse mundo do que no mundo de sonhos do colégio e da sociedade em festa onde *as outras* meninas viviam. A frequência aos clubes da cidade não existia para a família de Therezinha. Seus passeios eram o circo e, quando moça, o *footing* na praça. A preocupação sobre como comportar-se em um ou outro ambiente ocupa um segundo plano. A primeira preocupação era alimentar a todos. Como alguém tão distante do *glamour* do *Puríssimo* pôde aí ingressar? A relação de sua mãe com as freiras da Santa Casa de Misericórdia foi condição para isso: *é gente boa*.

Meu pai fazia a troca. Era o carroto, tirar todo o mato, entulhos em troca da gente estudar. Elas passavam roupa com ferro à brasa, que não existia ferro elétrico. Então elas falavam: "Precisa de carvão". Meu pai levava dois sacos. (...) Eu tenho que agradecer muito aos meus pais. Minha mãe, meu pai que, com pouco recurso, com uma carrocinha vendendo carvão e fazendo carroto, fizeram um grande investimento em mim, apenas com oito anos de idade: já colocaram na escola. Por quê? Porque a minha mãe ela veio da Cidade Nova pra cá e pegou muita amizade com as freiras franciscanas.

No entanto, tanto o destino de Neno, quanto o de Therezinha escaparam das mãos de Josephina. Neno não conseguiu permanecer por muito tempo no internato e, por isso, foi punido com a humilhação de voltar para casa na carroça do pai. Certamente esta foi uma punição dolorosa para o próprio pai, já que ele andava de carroça diariamente e a humilhação que o filho deveria sofrer fazia parte de seu trabalho cotidiano.

Quanto a Therezinha, sua passagem pelo *Puríssimo* não foi nada suave. Apesar de ser de *boa família*, sentia-se discriminada durante todo o seu percurso neste Colégio: fosse pelo fato de ser estrábica, por usar roupas remendadas, pelo fato de a mãe de sua amiga ter empregada, ou por estudar em troca do trabalho que o pai realizava para as irmãs.

O mais difícil era que você tinha serviço em casa e tinha que estudar. As outras, não. Então as outras passavam na sua frente. Essa Shirlei Prado aqui, ela era sempre melhor do que eu. Porque a mãe dela tinha empregada, o pai dela trabalhava na Central Elétrica. (...) Eu comecei a estudar lá (no Colégio Puríssimo) em 1938. Eu fui até 46. São precisamente 9 anos. Primeiro ano primário. Eu devo ter repetido o primeiro ano, porque eu fiquei nove e é pra ficar oito. Mas eu sei por que eu repeti. Eu repeti porque eu tinha um defeito. Eu era vesga, caolha! Isso interferia, porque as meninas me xingavam, e eu batia nelas. E a professora reclamava muito de mim na escola. A professora... foi muitas vezes falar com a minha mãe que eu não fazia lição direito, que eu escrevia grande. Então, a gente não tinha dinheiro pra comprar o Diamante Negro da mulher que vinha vender todo dia lá, a dona Chiquinha. Que era uma mulher que vinha com o tabuleiro. Ela sentava embaixo daquela árvore e as meninas que tinham o poder aquisitivo melhor do que a gente compravam.

O uniforme *limpo, mas cheio de remendos* contrasta com as meias de seda e mantilhas importadas. A *hexis corporal* revelava sua força julgadora: a aparência diferenciava, excluía. Therezinha também passou por uma gravidez inesperada que interrompeu seus estudos: a mãe disse que ela precisava cuidar de seu enxoval e, para isso, precisava de dinheiro.

O trabalho intelectual ao qual Therezinha estava predestinada era altamente valorizado: um grande investimento para a família. Para a entrevista, ela carregou todos os seus diplomas. A hesitação em confirmar uma reprovação demonstra o quanto se exigiu dela. Mas, em seguida, reverte sua postura, decidindo mostrar as dificuldades pelas quais passou e como soube se desvencilhar delas.

Dentro do *Puríssimo* circulavam seus desejos aplacados pela religiosidade. Desejo de chocolate, desejo de ser uma aluna exemplar, desejo de ter uma profissão que a transportasse a outro nível social.

Foi no Instituto de Educação *Joaquim Ribeiro* que Therezinha sentiu-se mais próxima das colegas e parte da escola. A diferença entre o Curso Normal de uma e outra escola residia, principalmente na admissão de meninos no *Ribeiro*, o que àquela época não acontecia no *Puríssimo*. Mais uma vez ela ia a busca do diploma de professora que trouxe tanto orgulho à sua mãe, embora ela nunca tenha lecionado. Trabalhou na secretaria de uma escola, em um cartório e, finalmente na CESP, onde se aposentou.

A religião foi, para ela, o único grande bem que adquiriu em sua passagem pelo Colégio: *quem não aproveitou foi por que não quis...* Ela aprendeu o perdão, virtude que hierarquiza e determina posições. O ambiente de gente rica ao qual ela precisou se adaptar não lhe trouxe recompensas imediatas como para Dolores. Nas procissões, desfiles e conferências ela parece não ter compartilhado das mesmas sensações. Sua vida estava muito mais ligada aos espaços da rua e da casa. Não se misturou às outras meninas. De suas lembranças do Colégio restam desejos engolidos pela esperança do algum dia... Num primeiro olhar para sua narrativa, tende-se a afirmar que sua passagem pelo *Puríssimo* marca o fracasso da ideia de que a escola fornece os meios para galgar melhores posições. Entretanto, para ela e para sua família, o *grande investimento* pessoal e familiar trouxe o retorno esperado, mais tarde: ela tornou-se uma secretária competente e teve uma boa aposentadoria.

3 Anos dourados

Ivanira Bohn Prado é uma das personagens do *Puríssimo* que permanece, ainda hoje, nas lembranças daqueles que conhecem esse Colégio, alunos ou moradores da cidade. Diferente do *glamour* que envolve a narrativa de Dolores e da realidade desnuda de Therezinha, Ivanira apresenta-se na entrevista como se estivesse coberta por uma pelerine e recostada elegantemente em sua poltrona. Suas mãos se movimentam com delicadeza, entusiasmo e orgulho, apontando fotos, trabalhos dos alunos, notícias nos jornais, prêmios em concursos.

Difícil é saber mais a respeito de sua vida longe do *Puríssimo* ou longe das outras escolas nas quais lecionou. Ivanira veste a capa da professora e esta lhe cai tão bem que mal se nota seu uso encobrindo outras vestes. Gostaria de chamar a atenção do leitor para observar

como Ivanira transita pelo *Puríssimo* e como os exemplos e virtudes são utilizados em sua vida.

Ivanira pertenceu a uma família de elite. Com a crise do café sua família viu-se profundamente abalada. Seu silêncio a respeito de sua vida familiar ou sobre as dificuldades enfrentadas é significativo e aponta para uma negação de conflitos vividos. Após as perdas econômicas, toda a família viu-se obrigada a trabalhar. O assunto é tratado rapidamente.

Com a terrível "crise do café", de 1929-30, a família, duramente atingida, teve que se remover para o interior. E viemos para Rio Claro. Os irmãos se dispersaram, ficaram em São Paulo e Santos empenhados em trabalhar. Naquela época os filhos das famílias abastadas não trabalhavam. Nem as mulheres saíam para estudar. Pra cá, vieram o mais velho e minhas duas irmãs.

Quando Ivanira volta a falar de seu trabalho ele é desvinculado do ganho e tratado como caminho para realização pessoal. *Anos 1940, 50, 60, 70... Falar dessa época tão recuada é entrar no túnel do tempo. E encontrar, no fim do túnel, a luz poderosa do magistério, que continua me "iluminando" até hoje, no reconhecimento dos ex-alunos. Acredite!*

Maria Helena Trigo (2001), ao estudar grupos da elite cafeeira após a crise de 30, afirma que a negação do trabalho como ganho estava diretamente ligada à visão de que fortuna e dinheiro deveriam provir de herança e não de trabalho. Após a perda de capital econômico, essas famílias procuravam manter seu prestígio através de diversas estratégias de manutenção de *status* até mesmo em uma reconversão de capitais. É assim que sua profissão e a sua passagem pelo *Puríssimo* aparecem semelhante a um sacerdócio.

Quando chegou a Rio Claro, a escola mais indicada para estudar foi o *Puríssimo*. No entanto, Ivanira sentiu profundamente a diferença entre esta escola e o *Stafford* (colégio de orientação britânica em São Paulo) ou o Colégio das irmãs francesas (em Santos).

Para mim foi um choque, porque, acostumada com o ensino na capital e em Santos, senti o desnível escolar. O ano de 1935 foi um ano de difícil adaptação. Depois, tudo se normalizou. E me integrei inteiramente aos métodos da escola. Concluí o Ginásio e o Curso de Formação Profissional de Professor em 1939.

Certamente, as outras escolas não formavam para o trabalho: formavam damas. No *Puríssimo* ela foi confrontada com a *elite rio-clarense*, onde a orientação para o trabalho estava sendo desenvolvida com a criação do Curso Normal. A diferença entre *essas elites* foi um choque. O *desnível escolar* estava ligado não só ao currículo, mas a comportamentos, perfumes, arquiteturas.

Quando a crise do café já estava instaurada e as grandes fazendas foram arrematadas, algumas famílias da elite cafeeira permaneceram em Rio Claro, outras se mudaram da capital para o interior do Estado e, como foi o caso de Ivanira Bohn Prado, algumas dessas famílias

puderam optar por matricular seus filhos no Colégio *Puríssimo*. A elite cafeeira, em 1930, já havia visto ruir seu império e sua cidade de representações sentia os efeitos das constantes instabilidades financeiras. Alguns casarões foram abandonados, outros vendidos, imponentes teatros de diversas cidades foram demolidos e davam origem a novos prédios. O cenário se modificava. Era preciso reestruturá-lo, mais uma vez, dentro dos padrões da modernidade. O mesmo dilema do início da República se apresentava novamente diante dos grandes proprietários: a necessidade de inovar, para não perder espaços econômicos e políticos, mas mantendo uma moral conservadora.

Foi na necessidade de reconversão de capital para manutenção de *status* que Ivanira encontrou os ideais do Estado Novo, que foram construídos na sua relação com a elite cafeeira falida e a nova elite de imigrantes bem sucedidos, industriais e profissionais liberais. Ao ideário do progresso foram combinados o nacionalismo e ideais românticos de nação e família (CAPELATO, 1998). Esses ideais apareciam também na educação e, aqui, na narrativa de Ivanira, o trabalho idealista do professor revela essas características.

Como um pequeno animal fechado em sua concha, um misto de medo e ansiedade tomou conta de Ivanira quando precisou *sair* para trabalhar.

Em 1941 fui convidada a lecionar no Puríssimo, sob a direção de Madre Teresinha do Menino Jesus, uma educadora sensível e elegante. Era uma personalidade inesquecível que me introduziu no Puríssimo como professora de língua portuguesa, no Curso Ginásial. Antes trabalhei duramente em uma escola rural do município em classes que reuniam da primeira à quarta série. Assumindo o Ginásio no Puríssimo, eu me apavorei. Foi um desafio. Mas me debrucei sobre livros específicos e, com a base psicopedagógica e a didática do Curso Profissional, transmitidas por excelentes professores, permaneci na Escola por 30 anos, desenvolvendo um trabalho que me gratificou muito. (Melhor do que eu, podem falar sobre isso ex-alunas, até hoje grandes amigas)!

Todo seu discurso gira em torno de sua ação docente. Além do *Puríssimo* ela também lecionou no Joaquim Ribeiro. Embora tenha também se assustado com os *machões*, (...) *posso dizer que realizei com eles trabalhos escolares e extracurriculares de grande importância*. Metodologia, excursões, apresentações diversas povoam suas memórias. Ela circula como aquela que oferecia, como manancial de *jóias preciosas*, seus exemplos de virtudes e *transmitia* conhecimentos. Do outro lado estavam os alunos agradecidos. Era esse o reconhecimento que os professores esperavam. Foi isso que Ivanira teve e foi isso que a redimiou do medo que causava em alguns alunos. Sua competência e a do corpo docente revelam-se, para ela, na ausência de reuniões pedagógicas e na autonomia do trabalho do professor.

Ela foi uma professora bem sucedida, não se casou e manteve a exaltação à sua origem nobre. Ela viveu por sua profissão e, mais que tudo, acreditava em sua missão como

educadora. Ivanira é lembrada com frequência pelos ex-alunos do *Puríssimo* com os quais me encontrei durante esta pesquisa.

Considerações finais

As três personagens aqui apresentadas vivenciaram sua escolarização de modo muito diferenciado. Quase como *tipos ideais*, é possível pensar que pelo *Puríssimo* passaram aquelas que conheciam seus cantos e eles fazem parte de suas memórias. Outras o utilizaram como instrumento. Sua passagem pela escola é vista como em um sonho distante. Essas meninas habitam muito mais suas casas e os espaços da rua. Um terceiro grupo poderia ser aquele formado por professores ilustres que também estudaram no Colégio. Eles vêm de uma elite econômica e de uma formação de base que lhes oferece uma cultura vasta. Sua relação com a escola é completamente outra e se aproxima da sociedade.

Assim como a circulação e apropriação desse espaço é variada, os ganhos obtidos com a passagem pelo *Puríssimo* também o são. Para Dolores, a boa educação recebida no *Puríssimo* revelava-se no comedimento dos gestos, na civilidade, no amor à pátria. Para Therezinha, a boa educação resultou em sua fé, em suas virtudes, embora sua mãe esperasse que o polimento cultural lhe oferecesse melhores chances de ascensão social. Para Ivanira, estudar e trabalhar no *Puríssimo* era a reconversão do capital econômico em capital cultural e social. A imagem de *escola de qualidade* e que *formava integralmente* se construía e se mostrava, em última instância, num *habitus* de classe que demonstrava o sucesso da escola e de seus professores.

Quanto aos outros grupos acolhidos pela escola, alunas de famílias pobres ou as operárias do curso noturno de alfabetização, a atitude altruísta do Colégio e do corpo docente era a imagem que se transmitia. Acompanhando o momento político da construção da identidade nacional, o Colégio assumiu esse discurso e envolveu-se na lógica espetacular, mas sem abandonar seus projetos, como por exemplo, de formação da mulher. Nos rituais, nas cerimônias, as imagens que se apresentavam era o Colégio puro, as meninas virtuosas, futuras mães-professoras.

Referências bibliográficas

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BAPTISTA, M. R. B. **Rio Claro: as pedras da cidade**. São Paulo: USP, 1994. (Dissertação de mestrado.)

BILAC, M. B. B. **As elites políticas de Rio Claro: recrutamento e trajetória**. Piracicaba: Ed. Unimep; Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

BORDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CAPELATO, M. H. R. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas: Papirus, 1988.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GAGNEBIN, J.-M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva; Fapesp; Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1984.

MUEL-DREYFUS, F. **Vichy et l'éternel feminine: contribution a une sociologie politique de l'ordre des corps**. Paris: Éditions du seuil, 1996.

NOBRE, S. A. S. **Colégio Koelle: um marco na história da educação em Rio Claro (1883-1933)**. Rio Claro: Unesp, 1988. (Monografia de conclusão de curso.)

TRIGO, M. H. B. **Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer**. São Paulo: Annablume, 2001.